
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (XII)

Ulrich Huar

Capítulo V

Jugoslávia

No que diz respeito à Jugoslávia, depois de troca fundamentada de opiniões, houve acordo sobre a entrada em vigor do pacto entre Tito e Subasic, tendo Stáline exigido a entrada em vigor «*imediate*», independentemente das duas propostas de alteração britânicas, com as quais o lado soviético «*estava de acordo no essencial*».¹

O «*Pacto Tito-Subasic*», de 16 de Junho de 1944, é um acordo sobre cooperação entre o Conselho Antifascista de Libertação Nacional da Jugoslávia (AVNOJ) e o governo no exílio de Subasic em Londres. Ambas as partes concordaram em formar um governo de unidade, apesar de «*todas as ideias absurdas do Rei Pedro*» (rei da Jugoslávia, UH) como as designou Stettinius, o ministro dos Negócios Estrangeiros americano e também Stáline.²

No comunicado final foi assinalado que se considerava necessária «*a entrada imediata em vigor do acordo entre marechal Tito e Subasic e propunha-se a constituição de um governo provisório unitário com base nesse acordo*».³

Depois do comunicado, a AVNOJ devia ser ampliada com a inclusão de deputados do último Skupschtina⁴ jugoslavo. Mas só os deputados «*que não se tivessem comprometido colaborando com o inimigo*». Assim criou-se um órgão chamado «*Parlamento Provisório*». As leis aprovadas pelo AVNOJ foram confirmadas posteriormente pela Assembleia Constituinte.

¹ Idem, *ibidem*, p. 182 e seg.

² Idem, *ibidem*, p. 182 e seg. A 7 de Março de 1945 formou-se um governo popular dirigido pelo marechal Tito, no qual participaram alguns políticos do governo no exílio em Londres: Subasic, Gröl, Sutej. Com isto terminou o governo no exílio em Londres. A 11 de Novembro realizaram-se eleições para a Assembleia Nacional. A 29 de Novembro foi proclamada a República Popular da Jugoslávia.

³ Conferências, *ibidem*, p. 206.

⁴ Designação sérvia para Parlamento (NT).

Japão

No «*Protocolo do trabalho da Conferência da Crimeia*», de 11 de Fevereiro, não publicado à época, os três chefes de Estado declararam que a União Soviética «*dois ou três meses depois da capitulação da Alemanha e do fim da guerra na Europa (...) deve entrar na guerra contra o Japão ao lado dos Aliados*». As condições eram:

1. A manutenção do estatuto da Mongólia Exterior (trata-se da República Popular da Mongólia).

2. O restabelecimento dos antigos «*direitos da Rússia*» que «*foram feridos com o malicioso assalto do Japão em 1904. A URSS recupera a parte Sul da ilha Sacalina, assim como as ilhas vizinhas. Devem ser tomados em consideração os especiais interesses da União Soviética no porto comercial Dairen, no restabelecimento do arrendamento de Port Arthur para base naval da URSS, na constituição de uma sociedade mista soviético-chinesa para o caminho-de-ferro no Leste da China e no Sul da Manchúria.*

3. *As ilhas Curilas devem ser entregues à União Soviética.*

Depois da vitória sobre o Japão, estas reivindicações da União Soviética têm de ser “incondicionalmente satisfeitas”.

*Pelo seu lado, a União Soviética declara a sua disponibilidade para assinar um pacto de amizade e cooperação entre a URSS e a China, para apoiar a China com as suas forças armadas com o objetivo de libertar a China da opressão japonesa».*⁵

Significado histórico da Conferência

Como já acontecera na Conferência de Teerão (28 de Novembro – 1 de Dezembro) as contradições de classe surgiram com toda a força na Conferência da Crimeia. Ela foi a continuação da Conferência de Teerão, tendo-se agudizado a confrontação entre a União Soviética socialista e as potências imperialistas ocidentais. No capítulo «*O ano de 1943*» considere a Conferência de Teerão «*em sentido restrito (...) um compasso para o início da “Guerra Fria”*». Na Crimeia, as contradições entre as potências tornaram-se ainda mais evidentes. Contudo, não se tinha ainda chegado à ruptura dentro da coligação anti-hitleriana. Ainda pesava mais o interesse na derrota da Alemanha. Stáline, através de disponibilidade para o compromisso em algumas questões, não deu a possibilidade a Churchill de romper, nesta altura, com a União Soviética, através de subterfúgios pouco convincentes. A disponibilidade do governo soviético de entrar em guerra contra o Japão, dois ou três meses depois do fim da guerra na Europa, contribuiu bastante para a manutenção da coligação anti-hitleriana. Nos estados-maiores americanos pensava-se que a guerra contra o Japão podia durar ainda um ou dois anos. Uma intervenção militar do poderoso e experiente exército soviético era bem-vinda.

Paralelamente às questões em que não foi possível chegar-se a acordo, houve acordos significativos para o desenvolvimento progressista da humanidade, como o acordo sobre a fundação das Nações Unidas ou a declaração sobre a Europa libertada.

⁵ Conferências, *ibidem*, p. 213 e seg.

Aos povos libertados foi-lhes reconhecido o direito «*de criar instituições democráticas de acordo com a sua escolha, (...) escolher a forma de governo em que viverão (...)*»⁶

Os três signatários do comunicado reforçaram a sua intenção «*de cooperar com outras nações amantes da paz, criar uma ordem mundial baseada no direito e na lei, na qual a paz, a segurança, a liberdade e o bem-estar geral de toda a humanidade são sagrados.*»⁷

Se estas intenções referidas na declaração não foram mais tarde respeitadas pelas potências imperialistas – e continuam no presente a não ser – não se pode culpar a Conferência e menos ainda a delegação soviética sob a direcção de Stáline. Sob o aspecto da política soviética na fase final da guerra e da sua política para a paz no pós-guerra, a Conferência da Crimeia foi um êxito do governo soviético e do seu primeiro-ministro, o camarada Stáline.

Décadas depois, Gromiko descreveu o papel de Stáline na Conferência da Crimeia: «*Não me lembro de uma única vez em que Stáline tenha ouvido ou compreendido mal uma declaração relevante dos seus parceiros na Conferência. Captava de imediato o sentido das suas palavras. A sua atenção, a sua memória, para usar uma comparação dos nossos dias, funcionava como um computador e nada lhe escapava. Durante as reuniões no Palácio Livadia apercebi-me, provavelmente como nunca antes, das capacidades invulgares que este homem possuía.*

«*Stáline preocupava-se em todos os membros da delegação soviética estivessem bem informados das tarefas que, do seu ponto de vista, eram as mais importantes da Conferência. Orientava o trabalho da delegação com uma segurança que se transmitia a todos nós, em particular àqueles que se sentavam ao seu lado à mesa das conversações.*

Apesar da falta de tempo, Stáline encontrava ocasiões para se reunir com a delegação, para conversar pelo menos com aquelas pessoas que, pela sua posição, podiam expressar opiniões sobre as questões em análise e estavam incumbidas de realizar contactos com membros das delegações americano e britânica. Estes encontros “internos” podiam ser mais ou menos restritos quanto ao número de participantes. Tudo dependia das circunstâncias.

Uma vez, Stáline organizou uma espécie de recepção cocktail (...) Ao longo deste encontro avistou-se com vários camaradas soviéticos para trocar algumas palavras sobre este ou aquele assunto. Movimentava-se lentamente, com um ar pensativo. Por vezes animava-se e até gracejava. Conhecia pessoalmente todos os presentes. Aliás, esta era uma característica da sua personalidade. Lembrava-se de um grande número de pessoas, dos seus nomes e apelidos e, com frequência, dos lugares e circunstâncias em que se tinham encontrado. Esta capacidade impressionava os interlocutores.

(...) Chamou-me à atenção que ele próprio falava pouco, mas ouvia os interlocutores com interesse, passava de um para outro, e assim conhecia as suas opiniões. Tive a impressão de que mesmo naquelas ocasiões continuava a trabalhar, preparava-se para o próximo encontro com os “três grandes”.»⁸

⁶ Conferências, ibidem, p. 203.

⁷ Idem, ibidem, p. 204.

⁸ Gromiko, ibidem, p. 127 e seg.

Depois da Conferência, Júkov teve uma conversa com Stáline, a 7 ou 8 de Março, em que falaram das conversações. Stáline achava que depois da Conferência se tinha conseguido um entendimento sobre acções militares e que, «*desde então (...) a coordenação das acções tinha melhorado significativamente*».

Stáline referiu que tinha havido entendimento em relação à fronteira ocidental da Polónia, que deveria seguir a linha do Oder e do Neisse-Görlitzer, mas havia diferenças de opinião sobre o futuro governo polaco.

«*Churchill quer uma Polónia burguesa, que nos seja estranha, a fazer fronteira com a União Soviética, mas nós não podemos permitir isso*», disse Stáline. «*Nós queremos, uma vez por todas, ter uma Polónia aliada amistosa. O povo polaco também quer esta amizade.*»

Depois, Stáline acrescentou: «*Churchill mete-se à frente com o seu Mikolajczyk, que durante quatro anos andou a trabalhar para a Inglaterra. Mas os polacos não aceitarão Mikolajczyk. Já fizeram a sua escolha...*».⁹

Aqui houve um mal-entendido ou de Júkov ou de Stáline – ou então uma má interpretação de Stáline das resoluções sobre a fronteira ocidental. A questão da fronteira ocidental fora «*adiada até à Conferência de Paz*», isto é, o Neisse de Lausitz (ou de Görlitz) enquanto linha de fronteira Oeste da Polónia não fora confirmado por Churchill e Roosevelt. É possível que Stáline tenha recebido garantias de Roosevelt nesse sentido, à margem das resoluções oficiais, mas é improvável que tal tenha acontecido com Churchill. Não encontrei nenhuma informação sobre isto.

A operação berlinense controvérsias

Nas suas memórias, o marechal Tchuikov, citado por Júkov, interroga-se sobre a razão pela qual o comando da 1ª Frente Bielorrussa (isto é, Júkov enquanto seu comandante-em-chefe) não insistiu com o Quartel-General (isto é, Stáline, Comandante Supremo) para prosseguir a ofensiva da operação Vístula-Oder até Berlim. Segundo Tchuikov, «*teria sido possível tomar Berlim logo em Fevereiro. Isso teria naturalmente acelerado o fim da guerra*».¹⁰

No final de Janeiro, Júkov propusera ao Quartel-General que, depois do reabastecimento da 1ª Frente Bielorrussa, se continuasse «*a ofensiva na manhã de 1 e 2 de Fevereiro com vista a transpor o Oder em movimento. Além disso planeou-se desenvolver uma ofensiva rápida na direcção de Berlim, em que as forças principais deviam ser concentradas para cercar Berlim a Nordeste, Norte e Noroeste. O Quartel-General confirmou esta proposta a 27 de Janeiro*».¹¹

Júkov concordava assim com a opinião de Tchuikov de que, naquele momento, as forças do adversário eram limitadas e a sua defesa fraca. O marechal Kóniev, comandante-em-chefe da 1ª Frente Ucraniana, apresentou no Quartel-General uma proposta idêntica. As suas tropas deviam derrotar os grupos de alemães na região de

⁹ Júkov, *ibidem*, p. 275.

¹⁰ Júkov, *ibidem*, p. 261. Júkov cita vários artigos de Tchuikov nas revistas *Novaia e Novetchaia*, 2/1965; *Voieno-Istoritcheski Jurnal*, 3 e 4/1965; *Oktiabr*, 4/1964.

¹¹ *Idem*, *ibidem*, p. 262.

Breslau, atingir o rio Elba, entre 25 e 28 de Fevereiro, e com a ala direita da sua Frente tomar Berlim em conjunto com a 1ª Frente Bielorrussa. O Quartel-General confirmou também este plano a 29 de Janeiro.

A proposta do Conselho Militar da 1ª Frente Bielorrussa previa, entre outras tarefas, «(...) tomar Berlim através de um rápido avanço a 15 e 16 de Fevereiro.»¹²

Os planos da 1ª Frente Bielorrussa, da 1ª Frente Ucraniana e do Quartel-General previam, portanto, tomar Berlim logo em Fevereiro.

Mas nada se passou como se esperava.

Nos primeiros dias de Fevereiro crescia uma verdadeira ameaça. O comando alemão podia iniciar um contra-ataque, a partir da Pomerânia Oriental, ao flanco direito e retaguarda das forças principais da 1ª Frente Bielorrussa, que avançava para o Oder. Júkov cita uma afirmação do marechal-de-campo Keitel, chefe do Alto Comando da *Wehrmacht*, segundo a qual estava planeada uma ofensiva para «romper a frente russa e alcançar Küstrin pela retaguarda através dos vales dos rios Noteč e Wartha».¹³

O coronel-general Guderian, nesta altura ainda chefe do Alto Comando do Exército, escreveu que «estava previsto um ataque limitado a partir da região de Choszczno, com o objectivo de derrotar os russos no rio Wartha e manter a província da Pomerânia e a ligação com a Prússia Ocidental.»

O ataque devia realizar-se antes que «mais tropas russas» se concentrassem no Oder. Tinha de ser «conduzido como num relâmpago». Guderian estava decidido a «iniciar o ataque a 15 de Fevereiro...».¹⁴

A 16 de Fevereiro seguiu-se o ataque do 3.º Exército Blindado alemão sob o comando do coronel-general Rauss. Fez «bons progressos» até 17 de Fevereiro, mas depois parou e «não pode ser de novo posto em movimento».¹⁵

Na verdade, nem Júkov, Stáline e o Quartel-General podiam conhecer as intenções de Keitel ou Guderian, mas viram o risco que corria o flanco direito da 1ª Frente Bielorrussa, a partir da Pomerânia. Na Pomerânia Oriental, entre o Vístula e o Oder, estavam ainda estacionadas duas poderosas unidades alemãs, o 2.º e 11.º exércitos, com 16 divisões de infantaria, duas a quatro divisões blindadas, três divisões motorizadas, quatro brigadas e oito grupos de formação de combate flexível. Perto de Stettin, ainda se encontrava o já referido 3.º Exército Blindado, que também foi utilizado. Os serviços de informação soviéticos indicaram «que estes exércitos foram reforçados com novas forças.»¹⁶

Naturalmente que a forte concentração de tropas alemãs na Pomerânia também não tinha passado despercebida a Tchuikov. Mas considerava que na guerra era preciso correr riscos com frequência.¹⁷ Júkov concordava que não há guerra sem risco, como ensina a experiência, mas havia limites. Os riscos tinham de ser controlados.¹⁸

¹² Idem, ibidem, p. 263.

¹³ Idem, ibidem, p. 264.

¹⁴ Guderian, ibidem, p. 375.

¹⁵ Idem, ibidem, p. 377.

¹⁶ Júkov, ibidem, p. 264.

¹⁷ Idem, ibidem.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 265.

O marechal Kóniev também reflectiu de forma análoga: «*Alguns são da opinião de que, em vez da operação na Baixa Silésia, teria sido melhor parar no Oder e, depois de romper a defesa alemã, concentrar forças para percorrer de uma só vez a distância que separava a 1ª Frente Ucraniana de Berlim.*»¹⁹

A operação na Baixa Silésia durou 17 dias, de 8 a 24 de Fevereiro. Depois de combates com muitas baixas contra poderosas forças alemãs, tropas da 1ª Frente Ucraniana cercaram Breslau, a 17 de Fevereiro.

Na região de Breslau, faziam ainda frente às tropas soviéticas 37 divisões, das quais sete divisões blindadas. Ainda durante a operação foram ainda reforçadas com tropas retiradas da frente ocidental, designadamente, 21 divisões blindadas e 18 divisões de infantaria motorizadas.²⁰ Não se deve subestimar o grau de «*organização da direcção alemã neste momento crítico, apesar de a manutenção da ordem só ser possível através de um imenso terror fascista, segundo declarações de centenas de prisioneiros.*»²¹

Kóniev pensava que sem a operação na Baixa Silésia, as dificuldades da operação Berlim teriam sido muito maiores: «*A tomada de Berlim e a libertação de Praga teriam acontecido mais tarde.*» «*Apesar dos ensinamentos da operação na Baixa Silésia, por vezes ainda se defende de forma irreflectida que devíamos ter iniciado a ofensiva contra Berlim logo em Fevereiro.*»²²

Diferenças de opinião não eram raras na avaliação que os generais soviéticos faziam aos combates da Grande Guerra Pátria. A mim parece-me improvável que uma ofensiva contra Berlim pudesse ter sido possível mais cedo. Mas o historiador também não deve participar em especulações, mas sim atentar ao decurso concreto da guerra.

«**Quem tomará Berlim...?**»

«*Se tivessem querido, os anglo-americanos poderiam ter chegado primeiro a Berlim, mas deram prioridade aos russos na conquista. Em 1941, o exército alemão tinha ameaçado Moscovo. Agora era compreensível que se deixasse ao marechal Júkov, defensor de Moscovo, a honra de conquistar Berlim*», afirma o historiador alemão ocidental Max Domarus, numa nota de rodapé na sua recolha documental «*Hitler. Discursos e Proclamações de 1941 a 1945.*»²³

Domarus não diz em que se baseia esta sua afirmação. Os factos confirmados nas actas mostram outra coisa.

Já se referiu que Churchill mais do que uma vez pressionou para que se tomasse Berlim «*antes dos russos*», a mesma coisa relativamente a Viena. Como atrás se referiu, mesmo depois de 28 de Março, Churchill dirigiu-se a Roosevelt considerando que «*do ponto de vista político é imprescindível tomar Berlim...*»²⁴.

¹⁹ Kóniev, *ibidem*, p. 60.

²⁰ *Idem*, *ibidem*, pp. 48-53.

²¹ *Idem*, *ibidem*, p. 59.

²² *Idem*, *ibidem*, p. 50.

²³ Domarus, *ibidem*, p. 2232/Nota de rodapé 185.

²⁴ Churchill, *ibidem*, p. 1042. Cf. Ulrich Huar, *offensiv*, Caderno 8/2004, p. 67.

O marechal de campo Montgomery escreveu nas suas memórias que podiam ter tomado Viena, Praga, Berlim, «*todas as três cidades antes dos russos*». ²⁵ Se...! Se tivessem agido de acordo com a variante dos Balcãs de Churchill.

Esta especulação não leva em conta que em tal situação, quer o Alto Comando alemão, quer o Quartel-General soviético teriam reagido. Com que resultados? A resposta só pode ser especulativa. Montgomery também esquece que a iniciativa dos combates estava do lado da União Soviética, algo que o comando anglo-americano teria de levar em consideração.

Esta argumentação recorda o conhecido provérbio popular: «*Se o velho pudesse e o novo quisesse, nada havia que não se fizesse*».

Segundo Júkov, Eisenhower declarou a 7 de Abril perante o Quartel-General dos Aliados que «*no caso de a tomada de Leipzig ser fácil, avançaria imediatamente para Berlim*» e justificou o seu ponto de vista com considerações políticas. ²⁶

Júkov relata conversas com generais americanos e britânicos depois do fim da guerra, entre eles Eisenhower, Montgomery, com o general francês Lattre de Tassigny e outros. Delas conclui que «*a conquista de Berlim pelas tropas aliadas só saiu da ordem do dia quando as tropas soviéticas chegaram ao Oder e ao Neisse e, através do poderoso ataque da sua artilharia, lança-granadas, força aérea assim como do ataque conjunto das unidades blindadas e paramilitares, abalaram as fundações da defesa do adversário*». ²⁷

Stáline e o Quartel-General estavam informados sobre os negócios secretos dos dirigentes fascistas com os aliados ocidentais – em parte com conhecimento de Hitler, em parte contra as suas intenções –, apesar de não disporem de todos detalhes que só depois da guerra foram conhecidos.

Numa conversa com Júkov, na noite de 29 de Março, Stáline afirmou: «*A frente alemã a Ocidente está definitivamente derrotada, é manifesto que os nazis não querem fazer nada para parar o avanço das tropas aliadas. Porém reforçam as suas tropas em todas as direcções importantes contra nós. Aqui está o mapa, pode ver as últimas informações sobre as tropas alemãs (...) Penso que nos espera um combate sério (...)*» ²⁸.

De acordo com os documentos da época, os fascistas possuíam na região de Berlim mais de quatro exércitos com pelo menos 90 divisões, entre elas 14 divisões blindadas e motorizadas, 37 regimentos independentes e 98 batalhões independentes. Só mais tarde se verificou que em Berlim estavam estacionados pelo menos um milhão de homens, 10 mil canhões e lança-granadas, 1500 blindados e canhões autopropulsados, assim como 3300 aviões. Propriamente na cidade de Berlim estavam 200 mil homens, dispendo de mais de três mil canhões e lança-granadas e 250 tanques. ²⁹

Stáline informou Júkov sobre a carta de «*um amigo estrangeiro*», em que se relatavam negociações secretas entre agentes fascistas e «*representantes oficiais dos aliados ocidentais*». Na carta afirmava-se que «*os nazis estavam dispostos a cessar os combates contra os Aliados, caso estes aceitassem uma paz em separado*». Na

²⁵ Marechal Montgomery, *Memoiren*, Paul List Verlag, Munique, p. 372.

²⁶ Shukov, *ibidem*, p. 278.

²⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 279.

²⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 280.

²⁹ Parotkin, *Das Ende des Dritten Reiches*, In: *Gretschko, Die Befreiungsmission*, p. 421.

verdade, os Aliados recusaram esta proposta, mas «*os fascistas, possivelmente, abriam o caminho para Berlim às tropas das potências ocidentais.*»

Chtemenko relata um segundo encontro entre o general das SS, Wolff, a 19 de Março na Suíça (o primeiro encontro realizara-se a 8 de Março com Allan Dulles), e os chefes do Estado-Maior das tropas anglo-americanas em combate em Itália. O governo soviético só foi informado oficialmente sobre estas negociações a 21 de Março.³⁰

Kóniev refere uma comunicação telegráfica, mandada ler por Stáline no Quartel-General, na presença de Chtemenko, Júkov e do próprio Kóniev, na qual se afirmava que «*o Alto Comando anglo-americano planeou uma operação para conquistar Berlim e ocupar a cidade antes do Exército Vermelho. Para isso será formada uma poderosa unidade sob a direcção do marechal de campo Montgomery. A direcção principal foi planeada a Norte do Ruhr, o percurso mais curto que separa as principais unidades britânicas da capital alemã. A comunicação telegráfica informava sobre uma série de preparativos do Alto Comando dos Aliados para organizar a junção e concentração das tropas. Finalmente percebia-se que o Estado-Maior dos Aliados ocidentais considerava real a possibilidade de o Exército Vermelho ocupar Berlim e preparava-se para isso.*» De seguida Stáline colocou a pergunta a Júkov e Kóniev: «*Quem vai tomar Berlim? Nós ou os Aliados?*»³¹

Relatando uma conversa, a 23 de Janeiro, com Paul Barandon, o homem de ligação entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) e o Estado-Maior do Exército, Guderian refere que «*as reduzidas relações diplomáticas que restam ao MNE*» podiam ser utilizadas «*para, pelo menos, alcançar um armistício com um lado. Temos esperança de que os aliados ocidentais, sensíveis aos perigos resultantes de um rápido avanço dos russos na direcção da Alemanha e até talvez mesmo através da Alemanha, aceitem um armistício ou se inclinem para um acordo implícito que nos autorize, renunciando a Oeste às potências ocidentais, a defender o Leste com o resto das nossas forças.*»³²

Guderian teve uma conversa de idêntico conteúdo com Ribbentrop, a 25 de Janeiro, sem conclusões. Guderian estava, contudo, decidido «*a continuar com o mesmo plano, por outras vias.*»³³

Depois de 13 de Março, Guderian dirigiu-se a Himmler e desafiou-o a utilizar as suas relações internacionais «*para se pôr cobro às mortes cada vez mais sem sentido.*» Mas evidentemente só a Ocidente!

A 21 de Março, Guderian repetiu a sua visita a Himmler para o convencer a alcançar um armistício.³⁴

Com os seus esforços para alcançar um armistício, Guderian queria contornar a exigência decidida em Ialta pelas três potências da coligação anti-hitleriana: «*A capitulação incondicional*» de todas as forças armadas alemãs em todas as frentes. Os aliados ocidentais teriam gostado de ocupar Berlim. Alguns generais fascistas esta-

³⁰ Chtemenko, *ibidem*, p. 363.

³¹ Kóniev, *ibidem*, p. 72.

³² Guderian, *ibidem*, p. 365.

³³ *Idem*, *ibidem*, pp. 367 e 368.

³⁴ *Idem*, *ibidem*, pp. 382-387.

vam dispostos a abrir a frente a Ocidente para os deixar avançar até Berlim. Os acontecimentos tomaram outro curso devido ao início da ofensiva das forças armadas soviéticas, a 16 de Abril.

Não é pois verdade, como Domarus alega, que os anglo-americanos tenham dado a prioridade ao marechal Júkov para conquistar Berlim, ao estilo da nobreza feudal: «*Meus Senhores, o primeiro tiro é vosso!*».